

CLAUDINO FERREIRA

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
e Centro de Estudos Sociais

Estilos de Vida, Práticas e Representações Sociais dos Termalistas

O caso das Termas da Curia *

93

Na sua dupla especialização — estâncias de lazer e veraneio e centros de terapia balnear — as termas constituem espaços de férias plurifacetados, onde se cruzam clientelas com motivações heterogéneas. Com base nos resultados de uma investigação centrada nas Termas da Curia, interroga-se neste artigo a natureza das práticas das clientelas das termas durante a época estival, bem como os sentidos que os termalistas atribuem às suas experiências de férias. Pro-

cura-se mostrar que a estadia nas termas é vivida como um período de renovação do equilíbrio físico e emocional e de actualização das sociabilidades, dos estilos de vida e das identidades sociais. A dupla especialização das termas tende, no entanto, a separar dois tipos de clientelas, que projectam na temporada termal investimentos simbólicos distintos, inscrevendo no espaço da estância a lógica da diferenciação social.

Se o veraneante se desloca, se viaja para cada vez mais longe, é, justamente, para (...) se instalar numa nova sedentaridade. (...) Desde logo, explicar esta aparente contradição, identificando o seu móbil, é decifrar a psicologia e o universo deste estranho viajante desejoso de imobilidade, que viaja para não viajar.

Jean-Didier Urbain (1994)

NUM estudo recente sobre os hábitos balneares, a que a epígrafe se reporta, Jean-Didier Urbain (1994) interroga-se sobre a condição paradoxal do veraneante, esse estranho

Introdução

* Este artigo apresenta resultados de uma investigação realizada no âmbito do Centro de Estudos Sociais e patrocinada pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. Esta investigação, intitulada «Ascensão e declínio das estâncias termais em Portugal: as termas da Curia e o turismo de elite», integrou-se no projecto «Turismo e Cultura em Portugal: Quatro Estudos sobre Mentalidades, Práticas e Impactos Sociais», coordenado pelo Prof. Carlos Fortuna, a quem quero expressar os meus agradecimentos, pelo empenho que colocou na orientação da minha investigação e pelas ideias com que contribuiu para este artigo. Os resultados globais da investigação encontram-se sintetizados em Ferreira (1995).

personagem moderno que se desloca anualmente do seu território familiar para reencontrar, numa atmosfera nova, um espaço de *sedentarização temporária*.

O hábito a que este personagem dá corpo está profundamente enraizado na cultura e nos imaginários das sociedades ocidentais contemporâneas. Ao longo do século XX, o hábito de fazer férias fora de casa tornou-se um hábito instituído e amplamente generalizado. É hoje uma componente essencial dos estilos de vida das populações, bem como um traço essencial das representações sobre a qualidade de vida.

Para uma grande parte das populações ocidentais, os períodos de férias numa estância de veraneio constituem importantes momentos de redefinição das identidades, de actualização dos estilos de vida e de renovação das sociabilidades. Para os outros, aqueles que se vêem excluídos dos fluxos estivais que se dirigem para os centros de veraneio, o imaginário das férias ocupa um lugar privilegiado no universo das suas aspirações.

O presente artigo debruça-se sobre um tipo particular de experiência de férias: a temporada numa estância termal. Como a generalidade dos enclaves de férias e de lazer, as termas são espaços complexos e plurifacetados, onde se cruzam grupos sociais diferenciados e se confrontam expectativas, motivações e estilos de vida heterogéneos. Esta heterogeneidade está, no caso das termas, particularmente associada ao modo como estas estâncias balneares combinam duas vocações distintas: uma vocação turística e uma vocação terapêutica. A dupla especialização das termas, como teremos oportunidade de ver, atrai no presente, como atraiu no passado, clientelas diferenciadas, que põem em prática modos distintos de viver a temporada termal.

Após um longo período de declínio que, desde os anos 30 deste século, atirou as termas de uma posição pioneira e central para uma posição periférica e marginal na hierarquia dos espaços de férias, o termalismo vive presentemente uma fase de notória revitalização. Nos últimos anos, e sobretudo entre as novas classes médias, o incremento da procura de espaços de férias alternativos, menos massificados e mais intimistas, tem permitido uma revigoração do turismo termal. Esta revigoração passa, nomeadamente, pela renovação das clientelas e pela emergência de novas formas de apropriação e utilização desses espaços para efeitos lúdicos.

É precisamente o carácter plurifacetado das práticas de veraneio que se processam nas termas que me proponho

aqui analisar. Com base numa investigação centrada nas Termas da Curia, analisa-se o modo como este segmento específico do amplo universo de veraneantes define as suas opções, organiza as suas práticas de lazer banear, interpreta e confere sentido às suas experiências de férias. Esta análise procura, sobretudo, interpretar a pluralidade dos usos sociais de que as termas são hoje objecto, bem como os investimentos simbólicos que esses usos encerram.

A análise que aqui se apresenta assenta num entendimento dos comportamentos dos veraneantes a partir de três linhas interpretativas: em primeiro lugar, as férias correspondem a um período de evasão e de ruptura temporária em relação às rotinas e à rigidez da vida quotidiana que se desenrola no espaço da residência e do trabalho. Em segundo lugar, a estadia mais ou menos prolongada num enclave de férias cria o espaço para a construção de sociabilidades efémeras e provisórias, mas com uma certa recorrência, que forjam uma atmosfera em que o veraneante encontra um refúgio identitário emocional e socialmente reconfortante. Em terceiro lugar, enquanto universos de práticas culturais e de sociabilidades, as estâncias de veraneio constituem-se como espaços de estilos de vida, onde se expõem e se reconstróem sistemas de preferências e se reforçam afinidades e distinções sociais e estatutárias.

Os enclaves de férias constituem universos complexos de sociabilidade, onde indivíduos e grupos sociais com motivações diversas encontram um espaço de evasão temporária aos constrangimentos e às rotinas da vida quotidiana. São, efectivamente, espaços fortemente marcados pelo imaginário do escapismo, que, como assinala Chris Rojek (1993), se encontra profundamente enraizado na cultura da modernidade e na estruturação da vida social das populações ocidentais. A atracção que as estâncias de veraneio exercem sobre as suas clientelas reside, antes de mais, na promessa da distância, da mudança, da possibilidade de evasão à «normalidade», às rotinas do quotidiano da residência, da vizinhança e do trabalho.

Os períodos de férias fora de casa equivalem a um *tempo de excepção* (Sue, 1991), que se define por oposição ao carácter mais codificado e normalizado dos tempos dedicados ao trabalho e à vida comunitária em que os indivíduos se inserem regularmente. Este aspecto tem sido apontado por

1. As estâncias de férias: espaços de evasão, de sociabilidade e de estilos de vida

numerosos autores a propósito da generalidade das actividades de lazer e das práticas turísticas. É nesta linha de pensamento que se situam, por exemplo, os trabalhos de Norbert Elias e Eric Dunning (1992) sobre o lazer nas sociedades modernas. Para estes autores, as actividades de lazer contrastam com o elevado grau de compulsão e de constrangimento social típicos do trabalho e da vida familiar, já que possibilitam a atenuação das restrições emocionais que os indivíduos se impõem a si mesmos e autorizam a procura de formas de excitação agradável e de carácter mimético.

No caso específico das actividades turísticas e de férias, mais do que a natureza mimética dos comportamentos, o que assegura o projecto de evasão, sem se esgotar nele, é a própria deslocação espacial. O afastamento do território residencial e o acesso a uma nova ambiência propicia, no plano simbólico, a sensação de mudança, de ruptura com os compromissos e as pressões da vida quotidiana (Urry, 1988, 1991). É precisamente nesse sentido que Jost Krippendorf (1987) argumenta que o efeito de mudança, de evasão, é essencialmente psicológico e, em boa medida, ilusório. Mais do que a mudança de hábitos, as pessoas visam a conquista de uma nova ambiência, de um contexto societal e paisagístico distinto: um espaço de *sedentarização temporária*, para retomar a ideia de Urbain.

Neste espaço, o veraneante procura tanto a novidade, como o reencontro reconfortante com um universo acolhedor e, de algum modo, familiar; é esta tensão que estimula a sua permanência e o seu regresso em anos seguintes. Daí a natureza da condição sedentária que Urbain atribui ao veraneante: «O destino para que ele se dirige (...) é um refúgio, vivido como definitivo» (Urbain, 1994: 15).

Importa, a este propósito, assinalar a natureza específica das experiências de veraneio que nos ocupam aqui. As actividades turísticas e de férias recobrem uma grande diversidade de experiências e atitudes, que dificilmente se podem reduzir a uma condição uniforme. Erik Cohen (1972), por exemplo, detectou nos seus estudos uma ampla diversidade de padrões de veraneio, que vão desde as formas mais estereotipadas e centradas na procura de universos familiares fora de casa, até aos tipos de turismo orientados por uma postura de cariz mais antropológico e itinerante, que relevam de uma vontade de imersão e comunhão nos contextos societais e culturais das comunidades receptoras. No caso das termas, o período de férias obedece, em geral, a um padrão relativamente está-

vel e recorrente, já que o que está em jogo é a conquista de um segundo espaço de sedentarização.

Este tipo de experiência envolve, assim, um duplo processo: ruptura e fixação. A saída de casa (ruptura) e a conquista de um novo espaço de sedentarização (fixação) contém sempre a promessa do retorno. Por isso, a temporada de férias obedece a um ritual repetitivo que se processa em três tempos: afastamento do espaço residencial, inserção temporária num novo contexto societal, retorno ao ponto de partida¹.

É o segundo momento deste ritual que nos ocupa aqui. A entrada e fixação num enclave de férias envolve o confronto com um novo universo societal. A permanência dos veraneantes na estância de férias abre espaço para o estabelecimento de interações, cumplicidades e solidariedades, que estimulam a emergência de figurações provisórias de inter-relacionamento.

Lugares de escape, como lhes chamaria Rojek (1993), os enclaves de férias constituem exemplos acabados dessas *atmosferas* sociais que, no entender de Michel Maffesoli (1988), são particularmente propensas à emergência de comunidades emocionais², agrupamentos de indivíduos cujos laços de sociabilidade, embora efémeros e transitórios, não deixam de ser fundamentais na definição das identidades sociais e pessoais. A temporada de férias proporciona, assim, a conquista de um espaço societal aberto à emergência de modos de vida temporários e à constituição de sociabilidades efémeras.

Apesar de efémeras, estas sociabilidades reenviam à condição sócio-cultural e sócio-estatutária dos veraneantes, pondo em jogo complexos processos de reafirmação e renovação das identidades sociais e dos estilos de vida. Nas suas opções e no modo como organizam e vivem as suas férias, os veraneantes mobilizam sistemas de preferências sócio-culturais sedimentados nos seus *habitus* e revelam condicionalismos sócio-económicos inscritos na sua condição social.

¹ Este carácter ritualístico da experiência de férias tem levado alguns autores a identificá-la como rituais liminares, por analogia com as peregrinações religiosas. Sobre esta questão, veja-se Fortuna e Ferreira (1993).

² No seu estudo sobre a emergência dos tribalismos e o declínio do individualismo, Maffesoli retoma o conceito weberiano de comunidades emocionais para caracterizar a natureza das sociabilidades efémeras emergentes nas sociedades de massa. As comunidades emocionais caracterizam-se pelo seu cariz efémero, pela sua composição instável, pela sua natureza local, pela ausência de organização e pela sua estrutura quotidiana (Maffesoli, 1988: 24-25).

Christian Lalive d'Épinay, no seu clássico estudo sobre as actividades de lazer da população suíça, conclui precisamente que as condições que definem o lugar e o estatuto dos indivíduos no universo da produção tendem a prolongar-se às suas actividades de férias. Esta continuidade entre trabalho e férias revela-se em três aspectos: na opção por fazer, ou não, férias, na escolha dos destinos de férias e nos modos de estar e de fazer durante a temporada de veraneio (d'Épinay *et al*, 1982). O primeiro aspecto remete essencialmente para as capacidades económicas dos indivíduos; o segundo e o terceiro para as suas preferências culturais e os seus investimentos simbólicos e estatutários.

No mesmo sentido apontam os trabalhos de Pierre Bourdieu (1979). Na sua perspectiva, as férias, o turismo e as actividades de lazer constituem universos de práticas culturais onde se constroem estilos de vida e se afirma a competição estatutária. As estâncias de férias são microcosmos onde a sociedade se revela nas suas contradições, nas suas desigualdades, nos seus múltiplos códigos comportamentais e simbólicos, na sua pluralidade de estilos de vida. As atmosferas efémeras que os veraneantes constroem no espaço das estâncias são, por isso, núcleos de sociabilidade em que se manifestam fenómenos de reconhecimento emocional e estatutário e se desvendam estratégias de aproximação e distinção social.

É nesta linha de ideias que se interpretarão aqui os comportamentos dos frequentadores das termas. A dupla especialização — lúdica e terapêutica — das estâncias termais proporciona modos diferenciados de gerir a temporada de férias e, portanto, de assumir a *sedentarização temporária* a que me tenho vindo a referir. No espaço das termas cruzam-se grupos sociais movidos por motivações diversas, que, como veremos, tendem a agrupar-se em comunidades distintas, segmentadas, forjando uma atmosfera multiforme, em si mesma constitutiva da natureza e da história do termalismo. Ao longo da sua evolução, as termas constituíram-se como territórios onde coexistem duas posturas culturais distintas: de um lado, uma cultura popular, que se manifesta na celebração pública de sociabilidades que misturam indiferentemente elementos lúdicos e terapêuticos; do outro lado, uma cultura elitista, que se manifesta na apropriação de espaços lúdicos para a celebração de ócios intimistas e distintivos e para a estilização dos comportamentos.

2. O termalismo em Portugal

De facto, a configuração das termas portuguesas, ao longo da sua história moderna, foi sempre marcada pela segmentação das suas clientelas em dois grupos, que se distinguem tanto pela natureza das suas práticas, como pela sua composição social. Essa segmentação reflecte, de algum modo, a dupla vocação das estâncias. Assim, a um uso predominantemente terapêutico das termas por parte de uma clientela oriunda sobretudo das classes populares, contrapõe-se um uso predominantemente lúdico por parte de uma clientela proveniente essencialmente das classes superiores. Para as camadas populares, a apropriação lúdica das termas, ainda que presente, esteve sempre subjugada ao primado da dimensão terapêutica, isto é, ao consumo medicinal das *águas santas*. Pelo contrário, para as clientelas de condição social mais elevada, a dimensão terapêutica sempre constituiu pouco mais do que um pretexto para a celebração, no espaço das estâncias, de um estilo de vida ocioso, lúdico e distintivo.

Ao longo dos últimos cem anos³, a natureza das termas, enquanto enclaves de férias, foi-se transformando, em função da maior ou menor preponderância que cada grupo social exercia no espaço das estâncias e do modo como sobre elas projectava um tipo de apropriação dominante. Em finais do século XIX e nas primeiras duas décadas do século XX, o termalismo viveu um período de forte desenvolvimento, que se traduziu na ascensão de algumas estâncias ao estatuto, pioneiro em Portugal, de centros de lazer e turismo de primeira importância. Este processo vinha ganhando forma desde o século XVIII, acompanhando evoluções similares, embora mais precoces, no resto do continente europeu⁴. O desenvolvimento da medicina hidrológica potenciou a reabilitação das virtudes terapêuticas das águas minerais e a apropriação, por parte dos médicos, das inúmeras nascentes de água mineral

³ Para os efeitos deste artigo, circunscrevo a análise da evolução do termalismo português aos últimos cem anos, isto é, ao período posterior à institucionalização do sector termal no nosso país. O arranque para a institucionalização do termalismo foi dado em 1892, data a partir da qual o sector passou a ser objecto de legislação específica, que regulamentou a actividade dos concessionários das termas e o exercício da medicina termal.

As considerações que se tecem neste ponto a respeito da história social do termalismo português retomam algumas das linhas de análise que desenvolvi noutro trabalho (Ferreira, 1994 e 1995). Sobre o lugar do termalismo na história do turismo português, vejam-se igualmente os trabalhos de Cavaco (1980) e Pina (1988, 1990, 1991).

⁴ Sobre o desenvolvimento do termalismo e a emergência das modernas estâncias de turismo termal no resto da Europa, vejam-se, por exemplo, Hembry (1990) para o caso inglês, Gobyn (1987) para o caso belga, ou Lange-nieux-Villard (1990) para o caso francês.

que desde há muito vinham sendo utilizadas para fins terapêuticos pelas classes populares.

A intervenção da comunidade médica, secundada pela actividade regulamentadora do Estado, teve dois efeitos principais. Por um lado, exerceu um papel civilizador sobre a utilização terapêutica das águas medicinais. Para o efeito, foram criados junto das nascentes estabelecimentos clínicos apetrechados de tecnologias modernas, ao mesmo tempo que, sob o comando do saber médico em constituição, se normalizavam os usos terapêuticos das águas termais, assim retirados do foro dos saberes espontâneos das camadas populares. Por outro lado, em algumas estâncias, a modernização medicinal das termas e a presença dos médicos mobilizaram as elites locais, que nelas investiram a sua presença e o seu capital, transformando-as assim em centros de lazer elitistas e mundanos.

Estas estâncias, de que a Curia é um caso exemplar⁵, passaram a ser dominadas pelas elites aristocráticas e burguesas, que nelas impuseram um estilo de vida ocioso, frívolo e mundano, secundarizando a dimensão terapêutica e, em certo sentido, marginalizando as clientelas de mais baixa condição social. Para aqueles grupos, a terapia termal funcionava sobretudo como um pretexto para a celebração de uma sociabilidade restrita e distintiva.

As termas viveram então um período áureo, assumindo um estatuto pioneiro na difusão de um conjunto de actividades lúdicas que mais tarde viriam a disseminar-se a outros espaços turísticos: o automobilismo, o hipismo, a natação, o casinismo, o cinema e o teatro, as festas de salão. Apesar da prevalência da utilização predominantemente lúdica das termas, imposta pelas elites, a sua utilização terapêutica manteve-se activa entre as classes populares. Estas, porém, foram atiradas para as zonas marginais das estâncias, longe da animação cultural e lúdica que animava a vida termal⁶.

⁵ Sobre o nascimento da Curia nos inícios do século XX e a sua rápida transformação em estância balnear de elite, por acção dos médicos e das elites locais, veja-se Ferreira (1995).

⁶ Na Curia, a demarcação entre os diferentes tipos de clientelas iniciava-se no próprio estabelecimento balnear, onde cabines de 1ª, 2ª e 3ª classe separavam diferentes condições sociais, e prolongava-se ao centro da vida lúdica e cultural, localizado nos espaços dominados pelos hotéis mais luxuosos, cujo acesso estava vedado, naturalmente, aos grupos mais desfavorecidos. Para estes, a vida termal limitava-se ao consumo medicinal das águas, sob o controlo do staff médico, e longe, portanto, dos espaços de prazer mundano em que a Curia era pródiga: o circuito de automobilismo, as piscinas, o casino, os salões de festas, as salas de espectáculos, o hipódromo.

O predomínio da vocação lúdica das termas começou a esmorecer a partir do início da década de 1930 e viria a reflectir-se, nas décadas de 1950 e 1960, num acentuado declínio do turismo termal. Face à concorrência crescente de novos espaços de férias, em particular as praias, as termas foram perdendo terreno, tanto no que se refere à capacidade de captação das clientelas, como no que se refere à capacidade de mobilização de investimentos. Paralelamente, as termas eram ainda afectadas pela crise que atravessava a medicina crenológica — técnica terapêutica baseada na utilização das águas minerais —, cuja credibilidade médica se via questionada face ao desenvolvimento das tecnologias medicinais assentes na farmacologia de base química, então em franca expansão.

A crise do termalismo prolongou-se até à década de 1970, altura em que a actividade termal viveu um novo surto. Este segundo impulso do termalismo trouxe consigo alterações profundas na natureza da vida termal. Após a instauração do regime democrático, em 1974, o Estado português criou programas de apoio financeiro aos tratamentos termais, institucionalizando aquilo que ficou conhecido sob a designação de *termalismo social*. Ao fazê-lo, promoveu a reabilitação da terapêutica termal, equiparando-a às técnicas medicinais institucionalmente consagradas — nomeadamente a medicina de base farmacológica. Ao mesmo tempo, estimulou o crescimento e o alargamento social da procura das termas, concedendo subsídios aos beneficiários da Segurança Social que se deslocavam às termas para realizar tratamentos.

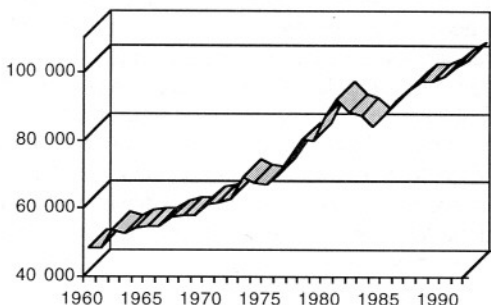
A intervenção estatal, apoiada pelos médicos, veiculava uma concepção muito específica das termas. A estadia anual nas termas era entendida como uma forma eficaz de revitalizar ciclicamente a força de trabalho e de, ao mesmo tempo, permitir às classes populares uma temporada de férias fora de casa subsidiada pelo Estado.

O que resultou daqui foi um incremento massivo da procura terapêutica das termas (ver Gráfico 1). As estâncias termais transformaram-se em centros de terapia e lazer balnear de cariz predominantemente popular e com uma clientela crescentemente envelhecida.

Construía-se, assim, uma nova combinação entre lazer e terapia nas termas. Mas, neste caso, e ao contrário do que acontecera no início do século, a dimensão terapêutica sobrepunha-se à dimensão lúdica. As termas passaram a ser dominadas por uma comunidade de aquisitas que, no espaço

Gráfico 1

Nº de aquistas inscritos anualmente para tratamentos nos estabelecimentos termais do Continente (1960-1992)



Fonte: *Boletim de Minas* (1960-1992)

da estância, vivia uma sociabilidade construída em torno da doença e dos rituais da terapia. A dimensão lúdica da estadia nas termas passou a estar sujeita aos rituais impostos pelos tratamentos termais, do mesmo modo que as sociabilidades que se forjavam entre os aquistas se baseavam sobretudo na partilha de um conjunto de valores associados à doença e aos riscos do envelhecimento.

Esta evolução não impediu que algumas estâncias tivessem continuado a receber clientelas não motivadas por factores de ordem terapêutica e que, passada a euforia inicial do *termalismo social*, vissem de algum modo renovada a sua vocação turística. Com efeito, com a entrada na década de 1990, alguns sinais começaram a apontar para a revitalização das termas enquanto centros turísticos. Nos últimos anos, os hotéis das termas têm registado uma procura crescente, que não pode ser de todo explicada pelo crescimento da clientela de aquistas. O que se passa é que a utilização lúdica das termas tem vindo a recuperar lentamente, de tal modo que pode dizer-se que as duas componentes tendem, actualmente, a reequilibrar-se.

O caso da Curia é particularmente exemplar a este respeito. Nos últimos anos, o crescimento da clientela destas termas tem-se processado à custa de veraneantes motivados, não pelas virtudes terapêuticas das águas minero-medicinais, mas pela ambiência paisagística e social do local.

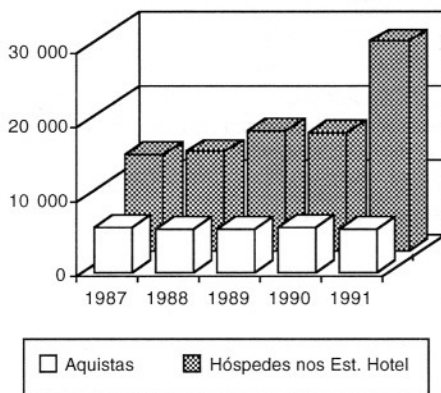
O Gráfico 2 dá-nos precisamente essa indicação. Como se pode ver, a clientela dos hotéis tem crescido a um ritmo

acelerado, que não é acompanhado pelo aumento do número de aqistas. Este dado é tanto mais significativo quanto se sabe que a grande maioria das pessoas que se alojam nos hotéis não se deslocam às termas para realizar tratamentos termais⁷.

Gráfico 2

Evolução do número de aqistas inscritos para tratamentos termais e de hóspedes alojados nos estabelecimentos hoteleiros da Curia (1987-1991)

103



Fontes: *Boletim de Minas* (1987-1991); I.N.E., *Estatísticas do Turismo* (1987-1991)

Esta revitalização turística das termas portuguesas parece acompanhar tendências que, desde há já alguns anos, se têm vindo a fazer sentir noutros países. Em países como a França, a Itália, a Alemanha ou os E.U.A., as termas têm vindo a viver um novo surto de desenvolvimento, em resposta à procura, por parte das novas classes médias urbanas, de destinos alternativos aos grandes centros turísticos de massas. Nas estâncias termais, estes grupos procuram espaços de férias intimistas, restritivos e repousantes, ao mesmo tempo que serviços orientados para os cuidados com o corpo: um conjunto de serviços que se situam nas fronteiras entre a

⁷ Como teremos oportunidade de confirmar, a grande maioria dos aqistas da Curia aloja-se, não nos estabelecimentos hoteleiros da estância, mas em quartos e casas particulares, não contabilizados nas estatísticas oficiais.

3. As clientelas da Curia: aquistas e veraneantes

medicina, a estética, o desporto e o lazer⁸. É nesta linha evolutiva que se enquadra, aliás, o desenvolvimento recente daquilo que a propaganda turística tem vindo a apelar de *turismo de saúde*: as formas de turismo que associam a componente lúdica aos cuidados com o bem-estar físico e psíquico dos indivíduos⁹.

É neste contexto de renovação das clientelas e de reinvenção das práticas termais, que analisarei em seguida os comportamentos dos frequentadores das Termas da Curia.

As termas da Curia organizam-se em torno de dois universos de práticas¹⁰, que demarcam, social e espacialmente, os dois segmentos da sua clientela: os *aquistas* — como se designam aqui aqueles que se deslocam às termas para realizar uma temporada de terapia à base das águas minerais¹¹; e os *veraneantes* — designação que aqui se utiliza para nomear aqueles que vão para as termas apenas para usufruir dos seus serviços turísticos e lúdicos, não recorrendo aos

⁸ O guia americano de estâncias termais *Spa-Finders* (Joseph: 1990) fornece uma ilustração exaustiva dos novos serviços que se podem hoje consumir nas mais conhecidas estâncias mundiais. Estes serviços vão desde a tradicional hidrologia até à sauna, passando pela terapia aeróbica, a aromaterapia (terapia à base de massagens com óleos aromáticos), a acupunctura, a fangoterapia (tratamentos de lama e água mineral para embelezamento e revitalização da pele), a dietética, as massagens à base de cera, o yoga, etc.

⁹ A este respeito, veja-se o número especial da revista *Les Cahiers d'Espaces* (1990), dedicado exclusivamente ao turismo de saúde. Entre as múltiplas formas de turismo que têm vindo a ser incluídas nesta designação, destaca-se, para lá do termalismo, o *talassolazer*, actividade que se refere ao aproveitamento das águas do mar para fins simultaneamente lúdicos e terapêuticos. Esta actividade tem estimulado a emergência de sofisticados clubes turísticos destinados ao consumo das elites, onde a água do mar é utilizada como pretexto para a realização das mais diversas actividades desportivas, estéticas e medicinais (Phelippeau, 1990).

¹⁰ Importa referir que, durante as temporadas de verão, a vida social na Curia se desenrola essencialmente em torno das actividades das clientelas das termas. O Censo de 1991 registava, para a freguesia de Tamengos, em que a Curia se insere, uma população residente de 1.422 pessoas. Nesse mesmo ano, os estabelecimentos hoteleiros das termas albergaram, durante a temporada de verão (Maio a Outubro), 28.340 visitantes, e o estabelecimento clínico registou a inscrição para tratamentos termais de 5.803 pessoas.

¹¹ Nesta categoria incluem-se igualmente as pessoas que, embora não façam tratamentos termais, se deslocaram para as termas para acompanhar um familiar que está a fazer tratamento. O comportamento destas pessoas é centralizado nos cuidados terapêuticos daqueles que acompanham, pelo que as suas práticas e a gestão da sua temporada nas termas não se diferenciam. A este respeito, é interessante notar que, durante a realização da investigação, se identificaram algumas pessoas que estavam a fazer tratamentos termais, não porque necessitassem, mas porque pretendiam acompanhar permanentemente o familiar com quem se tinham deslocado para a Curia.

serviços terapêuticos. Entre estes últimos, um grupo particular merecerá ainda atenção especial, pela especificidade do seu projecto: os *estagiários da forma física*¹², que procuram na estância, a par da sua especialização turística, um conjunto de serviços orientados para a manutenção e a produção da aparência corporal.

Aquistas e *veraneantes* diferenciam-se pela sua composição social, pelo perfil das respectivas motivações, pelos territórios a que circunscrevem as suas experiências de férias no interior da estância e, finalmente, pela natureza das práticas em que essas experiências se traduzem.

105

Caracterização sociográfica dos termalistas

Do ponto de vista sociográfico, três traços principais distinguem estes dois grupos: o perfil etário, a condição sócio-profissional e o nível de escolaridade¹³. Os *aquistas* são uma população idosa, com uma idade média de 60 anos, que reflecte a predominância de indivíduos situados nos dois grupos etários mais velhos (ver Quadro 1).

A este perfil etário está directamente associada a estrutura profissional desta população. De facto, é elevado o peso dos *aquistas* que não exercem actividade profissional (35% são reformados, 17% ocupam-se exclusivamente das tarefas domésticas, 44% exercem profissão ou emprego remunerado).

A análise do estatuto sócio-profissional dos *aquistas* (em que se inclui a situação profissional dos reformados antes da reforma) revela que, apesar da grande heterogeneidade de

¹² A expressão é tomada de empréstimo a Danielle le Dudal (1990).

¹³ A informação que se apresenta ao longo deste e dos próximos pontos resulta de uma investigação realizada nas Termas da Curia no verão de 1992. Esta investigação combinou dois registos metodológicos: a realização de um inquérito por questionário às clientelas das termas e a observação directa dos comportamentos no interior da estância. O *inquérito* foi aplicado, sob a forma de questionário de administração directa, durante os dias 26, 27 e 28 de Agosto, e dirigido a todos os indivíduos com mais de 14 anos que, estando presentes na Curia à data da sua aplicação, não fossem residentes permanentes na estância. Dos 958 questionários distribuídos simultaneamente nos estabelecimentos hoteleiros, no Estabelecimento Balnear onde se realizam os tratamentos termais e nos espaços de circulação pública da estância, obtiveram-se 310 respostas, distribuídas da seguinte forma: *aquistas*: 246, *veraneantes*: 64; homens: 166, mulheres: 144. A *observação directa* privilegiou os espaços de reunião e circulação pública da Curia, em particular o Estabelecimento Balnear, o Parque das Termas e os equipamentos lúdicos da estância: piscinas dos hotéis, bares, esplanadas. A investigação incluiu ainda uma estadia de observação participante (para a qual me instalei durante todo o mês de Agosto no Palácio Hotel da Curia e realizei, durante quinze dias, um conjunto de tratamentos termais no Estabelecimento Balnear) e a realização de 8 entrevistas aprofundadas a frequentadores das termas.

situações, predominam os trabalhadores por conta de outrem dos serviços e da indústria com baixos níveis de qualificação (funcionários em postos subalternos, operários, capatazes), os pequenos patrões do comércio e da indústria e os trabalhadores independentes dos sectores tradicionais do comércio e indústria. Do ponto de vista dos níveis de instrução, é uma população pouco escolarizada (ver Quadro 2): predominam os indivíduos com escolaridade primária ou inferior, facto que, aliás, é transversal às várias condições profissionais.

Quadro 1

Termalistas da Curia, por grupos de idades

GRUPOS DE IDADES	AQUISTAS	VERANEANTES	TOTAL
Menos que 25	7 (2,9%)	7 (10,9%)	14 (4,5%)
25-44	22 (9,0%)	30 (46,9%)	52 (16,8%)
45-64	127 (51,8%)	16 (25,0%)	143 (46,3%)
65 e mais	89 (36,3%)	11 (17,2%)	100 (32,4%)
Total	245 (100,0%)	64 (100,0%)	309 (100,0%)

Não Respostas: 1

Fonte: Inquérito aos Termalistas da Curia (ITC)/92

Em suma, os *aquistas* constituem uma clientela oriunda, na sua maioria, das camadas populares e das classes médias (em particular pequena burguesia tradicional, empregados dos serviços e indústria com baixos níveis de qualificação), para além de pequenos patrões. É, na sua globalidade, uma população com muito baixo nível de capital cultural.

Entre os *veraneantes*, o perfil etário é notoriamente mais jovem. A idade média é de 46 anos, predominando os indivíduos dos grupos etários intermédios: 25-44 e 45-64 anos, com destaque para o primeiro (ver Quadro 1). Do ponto de vista da estrutura ocupacional, é muito baixo o peso dos não activos: 69% exercem profissão ou emprego remunerado, 13% são reformados, 8% ocupam-se exclusivamente das tarefas domésticas, 9% são estudantes.

No que se refere à condição sócio-profissional, trata-se de uma população composta maioritariamente por trabalhadores por conta de outrem no sector dos serviços com elevados níveis de qualificação (quadros médios e superiores da administração pública e do sector privado, profissões técnicas e

científicas), e por profissionais liberais com formação escolar de nível universitário.

Quadro 2

Termalistas da Curia, segundo o nível de instrução

NÍVEL DE INSTRUÇÃO	AQUISTAS	VERANEANTES	TOTAL
Ensino Primário e Inferior	146 (60,6%)	2 (3,2%)	148 (48,8%)
E. Preparatório e Secundário	61 (25,3%)	18 (29,0%)	79 (26,1%)
Ensino Médio e Superior	34 (14,1%)	42 (67,7%)	76 (25,1%)
Total	241 (100,0%)	62 (100,0%)	303 (100,0%)

Não Respostas: 7
Fonte: ITC/92

Os *veraneantes* detêm níveis de instrução elevados. Cerca de dois terços têm formação escolar de nível universitário ou curso médio. Apenas uma pequena percentagem (3%) apresenta nível de instrução inferior ao ensino preparatório (ver Quadro 2).

Em suma, a clientela de *veraneantes* é uma clientela relativamente jovem, oriunda essencialmente das novas classes médias urbanas e com um elevado nível de capital cultural, no que contrasta com os *aquistas*. Portadores de sistemas de referências culturais distintos, os dois grupos mobilizam, na sua opção de fazer férias na Curia, motivações diferentes, que sugerem, desde logo, padrões heterogêneos de gestão e representação da temporada termal.

Perfil das motivações e padrão da temporada

Para testar as motivações que estiveram na base da decisão de ir para a Curia, pediu-se aos inquiridos que se pronunciassem sobre a importância que tinha exercido na sua opção cada um dos seguintes factores: (1) as qualidades e virtudes medicinais das águas termais da Curia; (2) a ambiência tranquila e repousante da estância; (3) a paisagem natural e arquitectónica local; (4) a presença de amigos ou familiares na Curia; (5) a existência de uma tradição familiar de frequentar as termas da Curia. Os resultados das respostas a esta questão estão sintetizados no Gráfico 3.

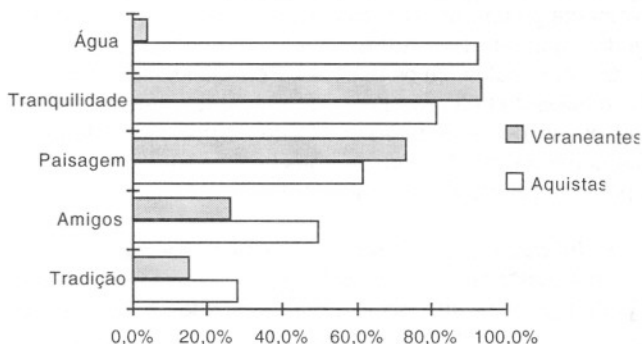
A análise combinada das respostas aos vários indicadores permitiu detectar os padrões motivacionais dominantes em cada grupo. Para os *aquistas*, a temporada nas termas é cen-

trada essencialmente na água e orientada para o repouso. Os aspectos mais influentes na sua decisão são, efectivamente, as virtudes das águas e a ambiência tranquila e repousante da estância, qualidades que são entendidas como factores da eficácia terapêutica das termas, bem como a opinião do médico de família¹⁴.

Este centramento nos aspectos que remetem mais directamente para a componente terapêutica da temporada termal não impede, porém, que os *aquistas* valorizem igualmente os restantes factores. De facto, como se pode verificar pelo Gráfico 3, os *aquistas* apresentam motivações multifacetadas. O que se passa é que a temporada nas termas é entendida simultaneamente como uma estadia de férias, no sentido mais lúdico, já que para a grande maioria dos *aquistas* constitui o único período de férias fora de casa que projectam gozar: apenas 36% admitem a possibilidade de vir a fazer férias também noutra local.

Gráfico 3

Respostas com valência positiva aos indicadores das motivações, por tipos de termalistas¹⁵



Fonte: ITC/92

¹⁴ Para 50% dos *aquistas*, a opinião do médico de família foi importante na decisão de ir para a Curia. 35% afirmam terem sido influenciados por amigos ou familiares e 15% tomaram a decisão sozinhos.

¹⁵ Os inquiridos foram interrogados sobre a importância de cada um dos 5 factores enunciados na sua decisão de ir para a Curia. As questões admitiam 4 possibilidades de resposta: «muito importante», «importante», «pouco importante» e «nada importante». As respostas foram dicotomizadas, tendo-se atribuído valência positiva às duas primeiras categorias («muito imp.» + «import.») e valência negativa às duas últimas («pouco imp.» + «nada imp.»). Este Gráfico apresenta as percentagens de inquiridos que responderam positivamente a cada um dos 5 indicadores.

Contrariamente, o padrão de motivações dos *veraneantes* é mais focalizado: a temporada é orientada sobretudo para a fruição da atmosfera respousante e da ambiência paisagística e estética da estância. A temporada nas termas é projectada sobretudo como um período de recentramento relaxante e intimista sobre a família¹⁶ e corresponde, na maioria dos casos, a uma estadia curta de férias¹⁷, que vem complementar a deslocação para um outro destino turístico mais massificado: 78% dos *veraneantes* afirmam realizar uma estadia noutra espaço, em geral a praia ou uma capital europeia.

A demarcação entre estes dois projectos reflecte-se de forma clara no território da estância. *Aquistas* e *veraneantes* definem territórios próprios e segregados, inscrevendo na geografia da Curia a lógica da diferenciação social. O espaço fechado dos hotéis e das respectivas infraestruturas lúdicas é a zona de eleição dos *veraneantes*, que vivem, por assim dizer, de costas voltadas para as águas. O local em que se alojam (o seu espaço privado na estância) constitui, no essencial, o território em que desenvolvem as suas práticas (o seu espaço público).

Por seu turno, o vasto Parque que enquadra o Estabelecimento Balnear onde se realizam as terapias termais é a zona franca dos *aquistas*. O espaço público em que desenvolvem as suas práticas coincide com o território do estabelecimento clínico, dominado pela presença da água mineral. O seu acesso aos equipamentos lúdicos dos hotéis é restrito.

A demarcação espacial entre os dois grupos joga-se assim em duas esferas sobrepostas: o local de alojamento e o território das práticas. Enquanto a grande maioria (89%) dos *veraneantes* se instala nos 4 hotéis da estância¹⁸, alojamentos mais dispendiosos e selectivos, os *aquistas* fixam-se sobretudo nas pensões e em quartos e casas arrendados pela população local: 50% em quartos e casas arrendados, 22% em pensões, 13% em hotéis¹⁹.

¹⁶ A estadia nas termas é realizada, para a grande maioria dos *veraneantes*, no contexto familiar: apenas 4 se encontram na Curia sozinhos e 3 com amigos.

¹⁷ O tempo médio de estadia nas termas é, para os *veraneantes*, de 10 dias. No caso dos *aquistas*, este valor é de 15 dias, período que corresponde à duração habitual dos tratamentos termais.

¹⁸ Em 1992, a Curia possuía 14 estabelecimentos hoteleiros: 4 hotéis (com 4 ou 3 estrelas), e 10 pensões. Existe, naturalmente, um amplo mercado paralelo, não contabilizável, de arrendamento de casas e quartos particulares.

¹⁹ Os restantes 15% regressam diariamente a casa, realizando a temporada termal em regime de itinerância.

A demarcação que se estabelece por via da selecção dos espaços de alojamento prolonga-se no universo das práticas e das representações dos termalistas, construindo, assim, na Curia duas atmosferas sociais diferenciadas, como se verá em seguida.

110 4. O universo
das práticas
e das
representações

O universo dos aquistas: os rituais da terapia e os lazeres balneares

Para os *aquistas*, a temporada termal corresponde essencialmente a um ciclo de reconstituição, orientado para os cuidados com aquilo que Mike Featherstone chama o *corpo interior*. Reflectindo sobre as técnicas de produção, regulação e gestão do corpo nas sociedades contemporâneas, Featherstone distingue dois tipos de *trabalho corporal*: as estratégias centradas no *corpo interior*, isto é, «(...) na saúde e no bom funcionamento do corpo, que exige manutenção e reparação face à doença, ao abuso e à deterioração»; e as estratégias centradas no *corpo exterior*, isto é, «(...) na aparência, no movimento e no controlo do corpo no espaço social, (...), nas interacções em que a aparência, a preservação do «eu» e a gestão das impressões assumem o centro das atenções» (Featherstone, 1991b: 171).

O quotidiano termal dos *aquistas* é estruturado em torno dos cuidados com o *corpo interior*. A população aquista é uma população que vive em risco iminente face à saúde corporal, risco esse que é constitutivo da identidade pessoal e social destes indivíduos. A doença ocupa uma parte importante das suas preocupações, dos seus imaginários, bem como dos seus discursos e das suas representações referentes à experiência de férias nas termas.

A temporada termal é orientada sobretudo para um trabalho de preservação e re-produção corporal, que assenta numa atitude preventiva. A forte crença dos *aquistas* nas virtudes terapêuticas das termas dirige-se, não para o seu potencial curativo, mas antes para o seu poder reconstituente e revivificante.

Isso mesmo é atestado pelo facto de a quase totalidade dos *aquistas* considerar que os tratamentos termais são mais eficazes do que os tratamentos à base de medicamentos farmacológicos (ver Quadro 3). É surpreendente verificar que quase metade dos inquiridos afirma incondicionalmente a superioridade dos tratamentos termais.

Quadro 3

Avaliação das capacidades medicinais dos tratamentos termais, por comparação com os tratamentos à base de medicamentos farmacológicos, segundo a expectativa de obter melhorias²⁰

Avaliação da eficácia dos tratam. termais, p/ comparação com os tratam. à base de medicamentos	Expectativa de obter melhorias com os tratam. termais				
	Melhorar completamente	Melhorar muito	Melhorar pouco ou nada	Não sabe	Total
É, em regra, mais eficaz	9	51	24	10	94 (47%)
É mais eficaz, apenas em algs. casos	5	37	44	7	93 (47%)
É, em geral, menos eficaz	0	2	7	1	10 (5%)
É sempre menos eficaz	0	0	1	0	1 (1%)
Total	14 (7%)	90 (45%)	76 (38%)	18 (9%)	198 (100%)

Não Respostas: 24

Fonte: ITC/92

No entanto, e paradoxalmente, a expectativa de melhorias substanciais é bem mais fraca do que faria esperar uma tão elevada rendição às virtudes balneares: quase metade dos *aquistas* esperam melhorias fracas ou nulas, ou não demonstram sequer qualquer expectativa. Só uma pequena minoria (7%) espera melhorar completamente. Mas mesmo entre os que não esperam obter melhorias substanciais, a crença na capacidade medicinal das termas é forte.

Esta representação das termas como conjunto de terapêuticas eminentemente preventivas está também ligada ao facto de, em geral, serem as doenças crónicas e as doenças originadas pelo envelhecimento do corpo aquelas que se procura combater pelo recurso ao termalismo²¹.

A temporada termal desempenha, assim, uma função fundamental para os *aquistas*: ela é vivida como um ritual cíclico

²⁰ Os resultados apresentados neste Quadro não incluem nem os *veraneantes*, nem os acompanhantes de *aquistas* que não fazem tratamentos. O total de *aquistas* que fazem tratamentos é de 222, pelo que se registam 24 não respostas a uma ou às duas questões em análise.

²¹ As doenças mais tratadas na Curia são as seguintes: doenças do metabolismo (gota, obesidade, diabetes), dos rins e vias urinárias (cálculos renais e do ureter), reumáticas e músculo-esqueléticas (artrite, espandilose, artroses). Sobre a vocação regenerativa da terapêutica termal, em geral, e a sua capacidade de atenuação dos efeitos negativos de doenças crónicas, veja-se Teixeira (1984).

de regeneração que, provisória e periodicamente, restabelece os efeitos destrutivos que a vida quotidiana exerce sobre o corpo doente. Provisoriamente, já que a sua eficácia assenta no facto de substituir a rotina destrutiva da vida quotidiana por uma outra rotina, construtiva e extra-ordinária. Periodicamente, já que a sua função, por definição, só se cumpre a rigor se for repetida anualmente²².

As águas minerais constituem a pedra de toque da eficácia termal. É à água que os *aquistas* atribuem a capacidade regeneradora das termas. A medicina termal inclui hoje um amplo leque de técnicas, que vão desde as que se baseiam apenas na utilização das águas minerais (ingestão oral de água, banhos, duches), até às que recorrem a outros tipos de processos: electroterapia (tratamentos à base de ondas curtas e micro, ultravioletas, ultra-sons), cinesioterapia (tratamentos à base de processos mecânicos, como massagens, mecanoterapia, tracções vertebrais), dietética. As combinações entre as diferentes técnicas a aplicar em cada paciente são determinados pelo médico das termas.

No entanto, na sua prática quotidiana, os *aquistas* tendem a secundarizar e desvalorizar as restantes técnicas, em benefício da água. Para esse efeito, accionam formas de auto-gestão terapêutica, recorrendo a estratégias que lhes permitem esquivar-se a alguns dos tratamentos prescritos pelos médicos e ingerir doses de água mineral superiores às recomendadas. Verdadeiras tácticas de subversão, como as qualificaria Michel de Certeau (1990), estas formas de auto-gestão terapêutica sobrepõem ao saber legítimo da medicina oficial um saber de cariz eminentemente popular, herdeiro de uma tradição plurissecular de utilização popular das águas minero-medicinais, que se reproduz no espaço das sociabilidades que se forjam durante os rituais terapêuticos.

Estruturada em torno desta tensão permanente entre a submissão ao poder médico²³ e o recurso à auto-gestão tera-

²² Em 1991, da totalidade dos *aquistas* que frequentaram a estância da Curia, apenas 19% o faziam pela primeira vez. Os restantes 81% tinham já estado anteriormente na Curia para fazer tratamentos (Sociedade das Águas da Curia, 1991). Os resultados do *ITC/92* apontam exactamente no mesmo sentido: entre os inquiridos, apenas 12% estavam a fazer tratamento termal pela primeira vez; 9% vêm regularmente para a Curia desde há 3 anos ou menos; 30% vêm regularmente há mais de 3 e menos de 8 anos; os restantes 49% vêm regularmente há mais de 8 anos.

²³ Entende-se aqui por poder médico o poder de julgamento, prescrição e vigilância que é exercido pelo *staff* clínico sobre os indivíduos, e que se funda na legitimidade de um saber socialmente reconhecido e administrativamente sancionado (Dodier, 1993; Turner, 1987).

pêutica, a vida termal dos *aquistas* é profundamente marcada pela disciplina corporal e pela vigilância permanente do corpo doente. O seu quotidiano organiza-se, todo ele, em torno dos ritmos, dos horários e das actividades impostas pelos rituais da terapia: ingestão de águas em jejum pela madrugada, tratamentos balneares durante a manhã, repouso após o almoço, nova ingestão de águas durante a tarde.

A proximidade física entre os *aquistas* e a partilha do espaço do Estabelecimento Balnear atribuem um carácter público ao cerimonial terapêutico, que proporciona o desenvolvimento de interacções e sociabilidades intensas. Estas interacções centram-se sobretudo nas doenças, nos tratamentos, na partilha de saberes mais ou menos espontâneos sobre as virtualidades das águas, na gestão dos tempos e das actividades no interior das termas.

A sociabilidade que se estabelece durante as terapias prolonga-se nas actividades de lazer. O lazer dos *aquistas* é também um lazer essencialmente público, que se processa no espaço que envolve o Estabelecimento Balnear: o Parque das Termas.

Quadro 4

Actividades de lazer e de ocupação dos tempos livres mais frequentes entre os *aquistas*

ACTIVIDADES DE LAZER	% DE PRATICANTES
Ver televisão	89,1%
Passear a pé	87,1%
Conversação	84,5%
Ficar pelos jardins sem fazer nada	82,4%
Ler revistas ou jornais	73,1%
Dormir a sesta	70,0%
Frequentar o café de dia	60,6%
Frequentar os restaurantes da Bairrada	56,0%
Ouvir música	51,3%
Passear em grupo de carro / em excursão	50,3%

Fonte: ITC/92

As actividades de lazer dos *aquistas* (ver Quadro 4) são orientadas sobretudo para o repouso (actividades de abandono: sesta, passeios a pé, descanso no jardim), para a convivialidade (conversação, frequência do café, visionamento de televisão em espaços públicos) e para algumas activida-

des de informação mais privadas (leitura de jornais e revistas)²⁴. As formas de lazer mais activo, que mobilizam o investimento de energias físicas ou intelectuais (desportos, lazeres nocturnos, espectáculos, leitura de livros) mobilizam pouco os *aquistas*. Trata-se de um lazer que é gerido em função da exigência de disciplina sobre o corpo que os *aquistas* impõem a si próprios. Aliás, é escasso o tempo que o trabalho corporal a que dedicam a temporada deixa livre para actividades lúdicas.

Apesar da submissão dos lazeres aos imperativos terapêuticos, a sociabilidade lúdica entre os *aquistas* cria oportunidades de evasão e inversão pontual da disciplina termal. Esta inversão concretiza-se na organização grupal de actividades gastronómicas, vividas como verdadeiras transgressões aos rigores que os corpos exigem. O seu carácter pontual e a dimensão aventureira que os *aquistas* lhes atribuem só reforçam, no entanto, a sujeição da temporada àquela disciplina.

Em suma, o carácter público das práticas dos *aquistas*, na sua dupla dimensão terapêutica e lúdica, proporciona uma atmosfera propensa à construção de cumplicidades e solidariedades assentes na partilha e na celebração de experiências e valores comuns, erígidos em torno dos cuidados com o *corpo interior*. Os *aquistas* tendem assim a constituir-se como uma verdadeira comunidade emocional, no sentido que Maffesoli (1988) dá a esta expressão: trata-se de uma comunidade efémera — que pode no entanto adquirir uma certa regularidade²⁵ —, instável, fundada em relações quotidianas provisórias e de cariz essencialmente emocional.

A convivialidade que se estabelece no seio desta comunidade promove um curioso efeito de redefinição identitária, que se manifesta particularmente entre os *aquistas* mais idosos: o duplo estigma da doença e da velhice, factores de despromoção estatutária e marginalização social dos idosos nas

²⁴ Na análise das actividades de lazer, a investigação inspirou-se na grelha de classificação e na lógica analítica de Christian Lalive d'Epinay, cuja terminologia se recupera aqui (d'Epinay *et al*, 1982). Esta grelha, que foi já operacionalizada em Portugal em estudos sobre as formas de ocupação dos tempos livres (Pais, 1989, 1994), foi utilizada nesta investigação com algumas alterações, em virtude de se tratar aqui da observação de um contexto de lazer específico e não, como nos trabalhos de d'Epinay, das práticas que organizam globalmente a ocupação do tempo pelos actores sociais.

²⁵ O carácter repetitivo da temporada termal permite a reconstituição anual das redes de sociabilidade termal. 40% dos *aquistas* inquiridos afirmaram integrar grupos de amigos que se constituíram na estância e que aí se reencontram anualmente. Um terço destes *aquistas* referiram mesmo manter relações pontuais com membros destes grupos fora das termas.

sociedades contemporâneas (Featherstone e Hepworth, 1991), é, neste espaço de *sedentarização temporária*, suspenso e convertido em factor de solidariedade emotiva. O período de férias nas termas é vivido como um investimento na conquista de uma identidade positiva, através da celebração de uma experiência e de um estatuto partilhados com indivíduos em situação idêntica. A temporada termal é assim um tempo de evasão duplamente regenerador: à revigoração física acrescenta a regeneração psicológica.

O universo dos veraneantes: prazeres intimistas e narcísicos

Ao contrário dos *aquistas*, os *veraneantes* vivem a temporada termal de forma mais intimista, procurando sobretudo contextos de privacidade. As suas práticas confinam-se preferencialmente ao espaço dos hotéis e os seus comportamentos orientam-se para prazeres auto-centrados ou centrados em círculos conviviais restritos. Fazem-no de duas formas diferenciadas: por um lado, através da procura de prazeres relaxantes e da entrega a interações intimistas e restritivas; por outro lado, no caso dos *estagiários da forma física*, através de um investimento em trabalho corporal, virado não já para a regeneração do *corpo interior*, mas para a aparência do *corpo exterior*. Em ambos os casos a temporada termal é vivida como um tempo de recentramento sobre o «eu» ou o «nós» mais íntimo.

O quotidiano termal dos *veraneantes* organiza-se em torno de um amplo leque de actividades de lazer e da fruição dos rituais característicos da vida hoteleira. As suas práticas de lazer (ver Quadro 5) dividem-se entre actividades de repouso e abandono (passeios a pé, repouso nos jardins, sesta), de auto-formação relaxante e informação (leitura, música, televisão), de expressão individual (desporto, piscina) e de interacção (conversação, frequência de café e restaurantes, passeios de carro).

O perfil das actividades de lazer dos *veraneantes* contrasta substancialmente com o dos *aquistas*: maior frequência na prática da generalidade dos lazeres, maior mobilização de energias físicas e intelectuais, maior investimento em actividades de expressão e formação, o que é consonante, aliás, com o mais elevado nível de capital cultural deste tipo de clientela.

A prática destes lazeres, comprovada pelas observações realizadas durante a investigação na Curia, é orientada privilegiadamente para a interacção no quadro íntimo da família

Quadro 5

Actividades de lazer e de ocupação dos tempos livres
mais frequentes entre os veraneantes

ACTIVIDADES DE LAZER	% DE PRATICANTES
Passear a pé	96,9%
Ler revistas ou jornais	89,1%
Ver televisão	85,9%
Ler livros	84,4%
Ficar pelos jardins sem fazer nada	79,7%
Passear em grupo de carro / em excursão	78,1%
Conversação	76,6%
Frequentar o café de dia	73,4%
Frequentar os restaurantes da Bairrada	65,6%
Frequentar a piscina	62,5%
Ouvir música	60,9%
Dormir a sesta	57,8%
Praticar desporto	49,2%

Fonte: ITC/92

ou de círculos de amizade exteriores ao contexto da estância. As formas de sociabilidade que se processam entre os *veraneantes* são, em regra, fechadas à partilha com estranhos²⁶.

O intimismo das interações e das práticas é particularmente visível nas vivências que se estabelecem no interior dos hotéis. Nos espaços colectivos (sala de estar, *hall*, bares e esplanadas, sala de jantar, piscina, jardim, equipamentos desportivos), as trocas comunicacionais entre diferentes famílias ou grupos de amigos são escassas. Por outro lado, os cerimoniais do quotidiano hoteleiro (as refeições, as relações entre funcionários e clientes, o serviço em geral), pelo seu cariz altamente codificado, operam expedientes subtis, que acentuam o fechamento dos círculos conviviais sobre si mesmos, ao mesmo tempo que reafirmam os sinais de distinção estatutária.

A fruição que os *veraneantes* procuram nas termas não se confina apenas aos prazeres lúdicos e ao culto do recenramento intimista e distintivo. Como se referiu atrás, a propósito das motivações dos *veraneantes*, a qualidade que mais apreciam na estância é, a par da tranquilidade (que favorece o intimismo), a ambiência paisagística da Curia.

²⁶ Dos 64 *veraneantes* inquiridos, apenas 8 (12%) afirmaram ter constituído nas termas um grupo de amigos com quem partilham as suas experiências de férias. Recorde-se que este valor é, no caso dos *aquistas*, de 40%.

O poder de atracção que esta ambiência exerce sobre os *veraneantes* reside, mais do que nas características naturais da estância, nas suas características sócio-históricas. A paisagem arquitectónica e estilística da Curia, marcada sobretudo pelos hotéis mais antigos (o Palace Hotel, o Grande Hotel da Curia e o Hotel das Termas), encerra um forte poder evocativo do glorioso passado perdido: esse passado em que a Curia foi um ponto de reunião nacional das elites aristocráticas e burguesas e um centro de animação cultural e recreativa.

É também para a fruição deste poder evocativo que se orientam os investimentos simbólicos dos *veraneantes*. O prazer procurado é um prazer estético, simbólico e estatutário, que se realiza na convivência nostálgica com os signos que *re-presentam* um estilo de vida elitista e uma ambiência mundana, depostos pelo devir do tempo e pela massificação do turismo. Numa perspectiva semiológica, como a de Jean Baudrillard (1981), diria que é pelo excesso de presença que as termas incorporam, enquanto signos, que elas exercem um efeito de sedução sobre as clientelas não-aquistas.

Não admira, por isso, que as práticas dos *veraneantes* se confinem preferencialmente ao espaço dos hotéis. É neles, com efeito, que se conserva o património histórico das termas, da mesma maneira que é neles que se salvaguarda uma atmosfera intimista e distintiva. Os hotéis oferecem, pela sua ambiência, a ilusão de escape, de mudança, de entrada num universo novo. Como têm salientado numerosos estudos no domínio do turismo, o quotidiano hoteleiro, sobretudo em hotéis patrimoniais ou de luxo, cria uma sedução especial (Jakle, 1985), que é vivida simbolicamente pelo turista como forma de aceder a um mundo excepcional, diferente do habitual, propício à teatralização dos comportamentos e à prática do lazer mimético.

Menos orientados para a celebração de sociabilidades intimistas e mais ego-centrados são os comportamentos de um segmento particular da clientela veraneante: os hóspedes do Grande Hotel da Curia. Aqui, configura-se um terceiro uso social das termas, que identifica uma categoria de *veraneantes* a que já tive oportunidade de aludir: os *estagiários da forma física*.

Esta categoria de *veraneantes*²⁷ dedica a temporada termal a actividades de manutenção e modelação do *corpo exte-*

²⁷ Entre os 64 *veraneantes* captados pelo inquérito, 26 incluem-se nesta sub-categoria. Apesar de a exiguidade da amostra não permitir extrapolações estatísticas, a análise das suas práticas de lazer não regista diferenças relati-

rior. As suas práticas orientam-se sobretudo para o usufruto dos serviços de *body building* e *body maintenance* que este hotel oferece: programas de reabilitação da forma física e de emagrecimento, sauna, banhos de embelezamento, equipamentos desportivos, regimes dietéticos controlados medicamente, tratamentos de relaxamento *anti-stress*.

Os serviços prestados no hotel visam responder tanto a necessidades estéticas (preservação e embelezamento do *corpo exterior*), como a necessidades medicinais (preservação e recuperação do *corpo interior*). O móbil central da clientela, no entanto, refere-se ao primeiro aspecto, mesmo quando, para isso, as suas práticas têm que se orientar para os cuidados com o funcionamento do *corpo interior*.

Para os *estagiários da forma física*, a temporada termal é dedicada, fundamentalmente, a um investimento em trabalho de estilização corporal, isto é, de modelação do corpo, como veículo de prazer e de performance individual. Esta atitude parece inscrever-se naquela que é, de acordo com Mike Featherstone (1991a), a estratégia de valorização hedonística do corpo, característica dos estilos de vida das novas classes médias urbanas, dotadas de elevado nível de capital cultural e apostadas na estilização individualista dos comportamentos.

Distintos dos restantes *veraneantes* pela especificidade do seu projecto, os *estagiários da forma física* partilham com eles o mesmo desejo de intimismo, a mesma apetência por actividades lúdicas e a mesma sedução pela ambiência estética e patrimonial da Curia, de que o Grande Hotel, o mais antigo estabelecimento hoteleiro da estância, é uma das objectivações mais ilustrativas.

Estas duas formas de estar nas termas produzem atmosferas sociais claramente opostas àquela que se forja, no contexto do Estabelecimento Balnear, em torno dos rituais terapêuticos. *Veraneantes* e *estagiários da forma física* formam, durante a temporada estival da Curia, uma comunidade efémera que se reconhece, não já no gregarismo de uma sociabilidade pública e de uma solidariedade afectiva, mas na partilha de uma ambiência estética, de um universo de sensações e de um estilo de vida.

vamente aos demais *veraneantes*. A diferença específica reside apenas na dedicação de parte do seu tempo diário aos programas específicos de manutenção da forma física e de modelação corporal que o Grande Hotel das Termas disponibiliza.

Conclusão

Enquanto estância de veraneio e lugar de *sedentarização temporária*, a Curia constitui um complexo espaço de estilos de vida, onde se cruzam vários grupos sociais, se confrontam universos heterogêneos de práticas e de representações, se forjam cumplidades e distinções.

Como procurei mostrar neste artigo, os termalistas entregam-se à satisfação de projectos diversos. Nas termas, procuram o alívio de uma doença, a renovação do equilíbrio físico e psicológico, o reencontro com redes de sociabilidade provisória, a fruição de uma atmosfera relaxante e evocativa, a entrega a prazeres de cariz lúdico, a estilização dos corpos e dos comportamentos. No modo como o fazem, projectam, no espaço das termas, estilos de vida e sistemas de preferências diferenciados.

Para o conjunto dos termalistas, a temporada na Curia proporciona a satisfação dos anseios de evasão e mudança que alimentam o imaginário das férias: mudança de atmosfera, renovação de sociabilidades, actualização de experiências. Trata-se, no entanto, de uma mudança limitada. Como assinala Urbain (1994), os enclaves de férias são refúgios geradores de novas familiaridades. Na Curia, *aquistas* e *veran* antes procuram o reencontro com universos identitários, onde se jogam processos de reconhecimento estatutário e emocional, se actualizam estilos de vidas e se reforçam cumplidades e demarcações entre diferentes condições sociais.

Os três usos sociais das termas, acima identificados, revelam, com efeito, formas heterogêneas de organizar e gerir esse tempo de evasão. Os comportamentos dos diferentes tipos de termalistas reenviam, por isso, para matrizes de referências culturais e estilos de vida, que enquadram sociologicamente a sua existência e delimitam o espaço das suas opções.

Neste sentido, o modo de vida dos *aquistas* deriva, antes de mais, do exercício de uma opção económica e culturalmente limitada, que não pode deixar de ser associada à sua condição social e existencial: trata-se de uma população proveniente maioritariamente das classes populares e das classes médias tradicionais, com baixo nível de capital cultural; uma população simultaneamente envelhecida e marcada pelo espectro da doença e da degenerescência do corpo. Para os *aquistas* a temporada nas termas representa o investimento do tempo de férias (na maioria dos casos, o único tempo de férias) em actividades de cariz terapêutico, que são simultaneamente vividas como experiências de sociabilidade

lúdica, num claro exercício daquilo a que Pierre Bourdieu (1979) chamaria um gosto de necessidade.

Para os *veraneantes* e os *estagiários da forma física*, pelo contrário, a sedentarização nas termas corresponde a uma opção que é definida dentro de um amplo leque de possibilidades, sustentado pelas oportunidades económicas e culturais que decorrem da sua condição de membros das classes superiores e das novas classes médias, com elevados níveis de capital cultural e relativo desafogo financeiro. A temporada termal é vivida, pela maioria dos *veraneantes*, como um período complementar de férias, dedicado ao recentramento intimista e repousante em círculos conviviais restritos e distintivos e à estilização dos comportamentos e dos corpos. O seu projecto é, por isso, um projecto estatutário.

Assim sendo, e como tivemos oportunidade de ver, estes dois tipos de clientela tendem a agregar-se em comunidades emocionais e de interconhecimento. Pelo modo como se demarcam (tanto simbólica como espacialmente) no interior da estância, inscrevem na Curia a lógica da diferenciação social e da competição estatutária. ■

Referências Bibliográficas

- Baudrillard, Jean 1981 *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa, Edições 70.
- Bourdieu, Pierre 1979 *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris, Minuit.
- Cavaco, Carminda 1980 «O turismo em Portugal: aspectos evolutivos e espaciais». *Estudos Italianos em Portugal*, 40/41/42: 191-280.
- Cohen, Erik 1972 «Toward a Sociology of International Tourism». *Social Research*, 39 (1): 164-182.
- d'Epinay, Christian 1982 *Temps libre. Culture de masse et cultures de classe aujourd'hui*. Lausanne, Pierre Marcel-Favre.
- Lalive *et al.*
- de Certeau, Michel 1990 *L'invention du quotidien. Arts de faire*. Paris, Gallimard.
- Dodier, Nicolas 1993 *L'expertise médicale. Essai de sociologie sur l'exercice du jugement*. Paris, Métaillé.
- Elias, Norbert 1992 *A busca da excitação*. Lisboa, Difel.
- e Dunning, Eric
- Featherstone, Mike 1991a *Consumer Culture and Postmodernism*. Londres, Sage.
- Featherstone, Mike 1991b «The Body in Consumer Culture». In Featherstone, Mike, Hepworth, Mike e Turner, Bryan (eds.), *The Body. Social Process and Cultural Theory*. Londres, Sage: 170-196.
- Featherstone, Mike 1991 e Hepworth, Mike «The Mask of Ageing and the Postmodern Life Course». In Featherstone, Mike, Hepworth, Mike e Turner, Bryan (eds.), *The Body. Social Process and Cultural Theory*. Londres, Sage: 371-389.
- Ferreira, Claudino 1994 *Os usos sociais do termalismo. Práticas, representações e identidades sociais dos frequentadores das Termas da Curia*. Relatório de Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, policopiado.
- Ferreira, Claudino 1995 «Ascensão e declínio das estâncias termais em Portugal: as termas da Curia e o turismo de elite». In Fortuna, Carlos (coord.), *Turismo e cultura em Portugal: quatro estudos sobre mentalidades, práticas e impactos sociais*. Relatório de investigação. Coimbra, Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais.
- Fortuna, Carlos 1993 «Estradas e santuários: percurso sócio-religioso e motivações dos peregrinos-caminhantes a Fátima». *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 36: 55-79.
- Ferreira, Claudino
- Goby, Ronny 1987 «Stations thermales et cités balnéaires en Belgique, du XVI^e. au XX^e. siècle». In Caisse Générale d'Epargne et de Retraite, *Histoire d'eaux. Stations thermales et balnéaires en Belgique, XVI^e.-XX^e. siècle*. Bruxelas, C.G.E.R.: 9-67.
- Hembry, Phyllis 1990 *The English Spa, 1560-1815. A Social History*. Londres, Athlone Press.
- Jakle, John 1985 *The Tourist. Travel in the Twentieth-Century North America*. Lincoln, Univ. of Nebraska Press.
- Joseph, Jeffrey 1990 *Spa-Finders Guide to Spa Vacations at Home and Abroad*. Nova Iorque, John Wiley & Sons.

- 122
- Krippendorf, Jost 1987 *Les vacances, et après? Pour une nouvelle compréhension des loisirs et des voyages.* Paris, L'Harmattan.
- Langenieux-Villard, Philippe 1990 *Les stations thermales en France.* Paris, P.U.F.
- le Dudall, Danielle 1990 «La remise en forme en station thermale». *Les Cahiers d'Espaces*, 17: 15-21.
- Les Cahiers d'Espaces* 1990 Número especial «Le tourisme de santé», 17.
- Maffesoli, Michel 1988 *Le temps des tribus. Le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse.* Paris, Méridiens Klincksieck.
- Pais, José Machado 1989 *Uso do tempo e espaços de lazer (Juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações - Vol. V).* Lisboa, Instituto da Juventude / Instituto de Ciências Sociais.
- Pais, José Machado 1994 *As práticas culturais dos lisboetas.* Lisboa, I.C.S.
- Phelippeau, Jean-Pascal 1990 «La Thalasso troisième génération». *Les Cahiers d'Espaces*, 17: 25-28.
- Pina, Paulo 1988 *Portugal. O turismo no século XX.* Lisboa, Lucidus.
- Pina, Paulo 1990 «Termas, sempre». *Turismo*, 18: 6-8.
- Pina, Paulo 1991 «O turismo em Portugal — o advento, 1820-1910». *Turismo*, 24/25/26.
- Rojek, Chris 1993 *Ways of Escape. Modern Transformations in Leisure and Travel.* Londres, Macmillan.
- Sociedade das Águas da Curia 1991 *Relatório Clínico da Curia —1991.*
- Sue, Roger 1991 «De la sociologie du loisir à la sociologie des temps sociaux». *Sociétés*, 32: 173-181.
- Teixeira, Frederico 1984 «Capacidade da terapêutica hidrológica em Portugal». *Publicações do Instituto de Climatologia e Hidrologia da Universidade de Coimbra*, 27: 5-21.
- Turner, Bryan S. 1987 *Medical Power and Social Knowledge.* Londres, Sage.
- Urbain, Jean-Didier 1994 *Sur la plage. Moeurs et coutumes balnéaires.* Paris, Éditions Payot & Rivages.
- Urry, John 1988 «Cultural Change and Contemporary Holiday-making». *Theory, Culture & Society*, 5: 35-55.
- Urry, John 1991 *The Tourist Gaze. Leisure And Travel in Contemporary Societies.* Londres, Sage.